



XII Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"



20 a 22 de Setembro de 2018 São Cristóvão/SE/Brasil

ISSN: 1982-3657 | PREFIXO DOI 10.29380

Recebido em: **20/07/2018**

Aprovado em: **08/08/2018**

Editor Respo.: **Veleida Anahi - Bernard Charlort**

Método de Avaliação: **Double Blind Review**

Doi: <http://dx.doi.org/10.29380/2018.12.05.12>

□ DESPEDAGOGIZAR □ O BRINCAR: desafios e propostas na rotina da creche

EIXO: 5. EDUCAÇÃO E INFÂNCIA

RAPHAELA DANY FREITAS SILVEIRA

~~Resumo

Por meio de uma abordagem qualitativa, o presente artigo é resultado de uma pesquisa realizada numa creche privada, do município de Feira de Santana-Ba, que buscou analisar como e qual tempo é destinado ao brincar livre no espaço educacional. Diante da “mecanização” do brincar e de sua escassez na rotina escolar, a abordagem deste trabalho buscou esclarecer o que é a “despedagogização” da brincadeira no ambiente educacional. Para tanto, tem-se a seguinte questão de pesquisa: Qual o lugar do brincar livre na rotina das crianças pequenas no contexto da creche. Como objetivo geral pretendeu-se investigar como aparece o ‘brincar não-pedagogizado’ na rotina de crianças pequenas em creche. Constatou-se que a creche observada já tem buscado ampliar suas concepções acerca do “lugar” da brincadeira livre na sua rotina e os ganhos que tal concepção tem para sua proposta pedagógica.

Palavras-chave:

Brincadeiras livre- despedagogização- creche

Abstract

Through a qualitative approach, this article is the result of a research carried out in a private day care center, in the municipality of Feira de Santana-Ba, which sought to analyze how and what time is destined to play free in the educational space. In the face of the "mechanization" of play and its scarcity in the school routine, the approach of this work sought to clarify what is the "dismissal" of play in the educational environment. To do so, the following research question is asked: What is the place of free play in the routine of small children in the context of day care. As a general objective it was intended to investigate how &39;non-pedagogic play&39; appears in the routine of small children in daycare. It was found that the day care center has already tried to broaden its conceptions about the "place" of free play in its routine and the gains that such conception has for its pedagogical proposal.

Key words:

Free play-sacking-daycare

~~Introdução

Romper com a tradicional ideia de que brincar é, dentro do contexto escolar, cem por cento “pedagógico” não é tarefa fácil, especialmente na Educação Infantil, etapa ainda desprivilegiada socialmente. Espera-se que as crianças adentrem no espaço escolar o mais cedo possível e, ao mesmo tempo, seja “estimulada” intelectualmente o máximo possível.

É neste contexto que a Pedagogia cria o “brincar pedagógico” e temos cada vez mais embasamento teórico para justificar nossas “escolhas lúdicas” na rotina de crianças pequenas. Nas creches, já é forte a ideia de que os bebês estão sendo educados para que cresçam e se desenvolvam com uma capacidade intelectual superior ao que estaria, se estivesse no seu lar, aos cuidados da família. É forte também a ideia de que “quanto mais cedo a inserção das letras, mais rápido a criança se alfabetiza”.

E assim, vemos creches e escolas de Educação Infantil investindo alto em pedagogias que visam apenas ou quase exclusivamente, os avanços cognitivos de seus “alunos”. Sim, crianças estão “deixando de ser crianças” nas escolas, para serem consideradas-unicamente- como estudantes/alunos.

A metodologia de trabalho através do uso de recursos e materiais lúdicos não é uma característica da atualidade. Froebel e Montessori já discutiam sobre sua importância na Educação desde o século passado, mais precisamente desde o início da década de 1900.

(...) também os abrigos mudam de forma: com Fröbel e seus jardins-de-infância, mais tarde com o modelo elaborado por Maria Montessori. Nas “casas das crianças”, a criança não é guardada ou educada, mas preparada para um livre crescimento moral e intelectual, através do uso de um material científico especialmente construído e ação das professoras que estimulam e acompanham o

ordenamento infantil e o crescimento da criança, sem imposições ou noções, antes favorecendo o desenvolvimento no jogo, por meio do jogo. (CAMBI, 1999, p.495-496)

Métodos e concepções pedagógicas se basearam e se baseiam em tais teorias com o intuito de introduzirem, conceitualmente, a importância do brincar para o desenvolvimento infantil.

Entretanto, o que está em pauta, na presente pesquisa, não é desconsiderar o que as pedagogias já trazem ao longo das décadas sobre o brincar, e sim, entender como o brincar livre e “despretensioso”, ou “despedagogizado”, aparece nas rotinas de creches e pré-escolas, e de que modo se compreende a sua relevância para a infância contemporânea. Para tanto, tem-se a seguinte questão de pesquisa: Qual o lugar do brincar livre na rotina das crianças pequenas no contexto da creche Como objetivo geral pretendeu-se investigar como aparece o ‘brincar não-pedagogizado’ na rotina de crianças pequenas em creche.

Como metodologia, optou-se pela abordagem qualitativa, na qual foram feitas observações e entrevistas com duas professoras e a gestora de uma creche privada, do município de Feira de Santana-Ba, que atuam com crianças de 4 a 6 anos de idade.

Brincar: a incontestável maneira de a criança se relacionar com o mundo

Em *Homo Ludens*, Huizinga (1980) ressalta que o jogo puro e simples é o princípio vital de toda a humanidade. Desde os primórdios da civilização, há vestígios de jogos, brinquedos e brincadeiras, que datam mais de 5 mil anos de existência.

O brincar percorre o trajeto do homem por todos os lugares que passa, portanto, também é cultural e social. A nossa identidade pessoal e coletiva, os nossos valores, hábitos e costumes, representados na cultura, também são representados nas e através das brincadeiras.

Assim as crianças vão “tomando pra si” as características do mundo que as rodeia e ampliando suas experiências sociais e culturais enquanto brincam. Brougerè (2008, p.40) ressalta que a infância é “um momento de apropriação de imagens e de representações diversas que transitam por diferentes canais. O brinquedo é, com suas especificidades, uma dessas fontes”. Ainda segundo o autor, o brinquedo assume não apenas uma dimensão funcional, mas simbólica.

É também inegável a constatação da influência das mídias (televisão e internet) na cultura lúdica (BROUGERÈ, 2008, p.50). As brincadeiras e modos de brincar, os brinquedos e jogos disponíveis para as crianças, mudou consideravelmente as representações infantis e as relações sociais (interações da criança com os adultos e com outras crianças).

A dimensão simbólica que rodeia a brincadeira, nos mostra que adultos projetam “valores” e “condutas ideais” através dos brinquedos e brincadeiras que vão surgindo. A reprodução de “modelos” de sociedade também aparecem nas brincadeiras. Questões de gênero, raça e classe social também são reproduzidos pelas crianças, “naturalmente”, enquanto brincam. Papéis como a menina que deve ser a mãe, que cuida do bebê, que faz a comidinha são, ainda, modelos bastante imitados pelas crianças em suas brincadeiras, mesmo no século XXI.

Diante de tais constatações, Brougerè (2008, p.106-107) ressalta que, embora haja um evidente valor positivo à brincadeira, que veio sendo construído historicamente, ela pode ser também uma “escola de conformismo social, de adequação de situações propostas”. Mas ao mesmo tempo, o autor ressalta que a brincadeira pode tornar-se um espaço de invenção, de experiências diversificadas e de curiosidade, mas que “a eventualidade da brincadeira corresponde, intimamente, à imprevisibilidade de um futuro aberto”. (BROUGERÈ, 2008, p.107)

A escola e outros espaços educacionais (lar, rua etc.) já “usam” a brincadeira, para imbutir valores ou mesmo, injetar suas concepções. Nos cabe, analisar, quais são e porque fazemos do brincar infantil uma apropriação do adulto e de seus desejos.

Por quê “despedagogizar” o brincar

Defender a ideia de que as crianças, nas escolas infantis, devem brincar sem o “olhar adulto e pedagógico” o tempo inteiro em cima delas, é entender que, independente da pedagogia e dos professores, as crianças se desenvolvem, criando, inventando, interagindo e trocando com seus pares. É “dar espaço” para que as brincadeiras ocorram sem que haja uma gama de conteúdos por

trás delas.

As escolas e as pedagogias, cada vez mais, parecem se preocupar com “o que” as crianças aprendem, e não “como” elas aprendem. Os professores planejam suas “aulas lúdicas”, sempre envolvendo jogos ou brincadeiras pelas quais as crianças vão aprender algo. É sufocante, se nos colocarmos no lugar das crianças, pensar que tem “alguém” a nos vigiar o tempo inteiro enquanto brincamos.

As novas tecnologias e novas urgências sociais (domínio de uma outra língua, domínio técnico dos saberes socialmente disponíveis etc.) tem levado as escolas a organizarem seu currículo, desde a primeira etapa- a Educação Infantil- para atender tais demandas. Livros, módulos, sistemas são ‘adotados’ como os meios mais eficazes de promoção destas ‘competências’ para o século XXI. Em contrapartida, a Pedagogia enfatiza a discussão em torno do brinquedo, do ‘recreio’, dos jogos, da ludicidade e da brincadeira como fundamentais para o desenvolvimento infantil.

Então, o que está “fora do lugar” Se entendemos que o brincar amplia as possibilidades de aprendizagem, por que “despedagogizar” essa metodologia

O grande problema posto é: as crianças, na maioria das escolas, não brincam mais livremente, e se o fazem, é por um período muito restrito. Sempre há uma pedagogia ou um adulto por trás das brincadeiras, para justificar ou explicar suas razões. As escolas não querem “perder tempo didático” com as brincadeiras, por isso, elas são, cada vez mais vigiadas e manipuladas pelos adultos. As propostas de brincadeiras nas escolas infantis, quase sempre abordam “conteúdos”, como: números, letras, coordenação motora, equilíbrio, competitividade, solidariedade, cores etc. E, desta forma, o brincar sempre aparece aliado ao conhecimento científico.

“Despedagogizar” o brincar é simplesmente pensar num brincar livre de conceituações e “importâncias pedagógicas”. É dar espaço e tempo, na escola/creche, para que as crianças escolham, planejem e brinquem do que elas quiserem. É oferecer o máximo de materiais não estruturados, no lugar de jogos e brinquedos “prontos”, ou, “brinquedos educativos”. É deixar que as crianças criem, imaginem e estruturem suas brincadeiras.

Havendo este espaço “não pedagogizado do brincar” no ambiente de Educação Infantil, estaremos contribuindo enormemente na formação de sujeitos mais ativos e criativos.

O brincar “despedagogizado” na creche: como e quando acontece

A presente pesquisa aconteceu numa creche da rede privada de Feira de Santana, Bahia, no período de um ano, entre os meses de maio de 2017 e junho de 2018. Após as observações realizadas, totalizando 20 sessões (2 observações/mês) e a realização de entrevista com duas professoras, percebeu-se que tal instituição tem buscado, em sua proposta pedagógica, garantir a brincadeira não-estruturada na sua rotina diária.

O espaço da instituição funciona numa chácara, na qual as crianças já são acolhidas no primeiro momento da manhã embaixo de um pé de árvore frutífera. A instituição conta com um espaço de área verde bastante privilegiado, com cerca de 20 árvores, sendo a sua maioria frutífera. As crianças têm o hábito diário de brincarem sob suas sombras, com as folhas secas, sementes e gravetos que delas caem. Também apresentam “intimidade” com a terra, grama e areia, pelos quais circulam na maior parte de tempo em sua permanência na creche.

Nas entrevistas realizadas fica nítido as concepções que permeiam a proposta pedagógica da instituição:

Aqui as crianças brincam com bichinhos, ficam livres para fazer cabaninha nas árvores, catarem folhas para fazerem “comidinhas”, elas gostam também de correr pelo gramado, brincam de pega-pega todos os dias e vivem descalças. (Entrevista com a professora Flor, grupo 4)

Nós temos uma rotina, tem a hora de fazer a roda, de fazer as atividades, mas as crianças sabem que isso tudo não vai ser maior que o tempo livre de elas brincarem. Elas já estão habituadas a chegar, ver os bichinhos na “fazendinha” ou catar folhas e frutas e depois voltar para a sala para realizar as atividades. Isso é natural para elas. (Entrevista com a professora Seriguella, grupo 5)

A instituição tem como proposta a “Pedagogia ao ar livre”, buscando inspiração nas pedagogias

européias, como as de Reggio Emilia e Pedagogia Waldorf, considerando-se construtivista e sociointeracionista (informação obtida na entrevista com a gestão). É perceptível o lugar do brincar na instituição, não havendo controle de tempo (“recreio”) para o mesmo. Percebe-se que as professoras compreendem a proposta e baseiam seus planejamentos com o intuito de garantir a livre escolha da criança.

Em conformidade com tal informação, durante uma das observações, observou-se a seguinte cena:

Cena 1- Construção da barragem

Cerca de 5 meninos brincavam no tanquinho de areia, quando resolveram pegar os baldes e pás e construir uma barragem. Um grupo fazia um muro de areia, enquanto outros se revezavam para buscar água na torneira para fazer o ‘rio’. Ficaram cerca de 20 minutos nesta brincadeira e não houve intervenção da professora acerca da ‘invenção’. Ao ser questionada porque ela não intervia, ela respondeu que era preciso deixar que eles iniciassem e concluíssem a brincadeira no tempo deles.

É válido ressaltar que, embora haja um respeito à infância e ao brincar, a rotina não aparenta ser construída com base no espontaneísmo ou mesmo não demonstra uma desorganização quanto ao uso do espaço e tempo. É notório que há um valor e prioridade para as atividades que ocorrem ao ar livre e percebe-se que tais ações não são exclusivamente feitas pelos professores regentes, ou seja, as atividades de musicalização, de movimento, aulas de inglês e esportes acontecem nas áreas livres e são planejadas cuidadosamente para que ocorram nestes espaços, pelos quais as crianças demonstram maior afinidade.

Quanto ao uso de jogos e brinquedos estruturados na rotina escolar das crianças e sua frequência, as professoras responderam:

Usamos sim uma variedade de jogos, como jogo de dados, dominó, quebra-cabeça, boliche, jogo da memória, enfim. São jogos usados para que possamos desenvolver mais os conhecimentos matemáticos e de linguagem. E eles auxiliam muito. Mas também temos a consciência que brincando com pedras, gravetos, folhas e bichinhos as crianças também estão desenvolvendo tudo isso. (Entrevista com a professora Seriguella, grupo 5)

As salas de aula possuem uma organização espacial que comporta o alfabeto de parede, tabelas numéricas, estante de livros e de brinquedos, quadro branco, calendário e murais com cartazes feitos pelas e para as crianças. Nota-se uma preocupação com os “conteúdos formais”, embora perceba-se na rotina uma certa ‘leveza’ sobre este aspecto. A instituição não adota livros ou sistemas de ensino e apresenta uma clareza na sua estrutura curricular, analisada através da leitura do PPP (Informações obtidas na entrevista com a gestora).

Um dos desafios apontados pelas professoras foi em relação à aceitação das famílias quanto à proposta pedagógica.

É difícil porque atendemos uma clientela bastante exigente e de poder aquisitivo alto, então muitos pais querem ver logo “resultado”, ou seja, querem que as crianças comecem a escrever e ler mais rápido. Alguns não entendem porque as crianças passam mais tempo fora da sala de aula do que dentro. Eles querem que elas aprendam “sentadinhas”, e não é assim que acreditamos. (Entrevista com a professora Flor)

Algumas famílias escolhem essa creche justamente pela proposta, muitas vêm pra cá interessados nisso, em ver seus filhos brincando entre as árvores, brincando com bichinhos e sendo livres. Mas tem outras que não aceitam bem, que querem ver o que o filho está aprendendo. Daí temos sempre que equilibrar bem nossa rotina para que possamos garantir as “atividades de papel” que os pais querem ver. (Professora Seriguella)

No período pesquisado, um bebê (7 meses) foi matriculado na creche e a fala da mãe foi a seguinte: “Quero que meu filho seja um gênio. Quero oferecer a ele todos os estímulos para ele seja muito inteligente. Mas fui criada em sítio, acho importante que ele fique num lugar em que pode brincar perto das árvores, que aprenda a cuidar dos bichos. Assim ele vai aprender melhor” (fala reproduzida pela gestora em momento da entrevista)

É perceptível que as professoras possuem clareza da proposta de trabalho, entretanto ainda precisam seguir os padrões impostos por uma sociedade que está preocupada com a “mão-de-obra” que está sendo formada, ou seja, preocupa-se ainda com o “futuro” destes sujeitos (crianças), e não com o presente, e não com a sua infância.

Considerações Finais

Entender que a infância “pede socorro” já não é mais uma novidade. Escola, família, psicólogos, assistentes sociais, médicos, todos falam da importância dessa fase para a formação de um sujeito bem resolvido, capaz de solucionar problemas e saudável emocionalmente. Em tempos de “adoecimento” da juventude, nítidos nos casos de suicídio e tentativas de suicídio, depressão, uso de drogas e álcool, e outras tantas “fugas”, a infância nunca foi tão privilegiada. Todos comungam da ideia de que brincar é importante nesta fase. Que brincando a criança se socializa, aprende a solucionar conflitos, aprende a dividir etc.

O grande “x” da questão é: como as escolas planejam esse brincar, como as escolas e creches lidam com a rotina da criança. Tudo parece ganhar sentido apenas quando o brincar está relacionado ao desenvolvimento intelectual. E o que esta pesquisa mostra é o contrário. Que o brincar deve acontecer despretensiosamente no contexto educacional, sem o olhar vigilante do adulto (pedagogo) o tempo inteiro.

A instituição observada demonstra, através de sua proposta pedagógica e rotina, que o espaço do brincar “despedagogizado”, de fato acontece. Vimos crianças realizando escolhas, brincando com materiais não estruturados, organizando seus espaços de brincar, inventando e criando novos brinquedos e brincadeiras. A sistematização de conteúdos não fica prejudicada, mesmo tendo seu “lugar” disputado no uso do tempo didático.

Enfim, constatamos que há infinitas possibilidades do brincar dentro do contexto escolar e que, ainda assim, é possível permitir o “brincar por brincar”. Mesmo que esta expressão cause estranhamento, é importante ressaltar que não há uma superficialidade nisso, as crianças podem brincar, sem um direcionamento intelectual por parte do professor, e ainda assim, estarão aprendendo e se desenvolvendo. O que é necessário “quebrar” são as rotinas “engessadas” e com base apenas na cognição. É preciso compreender mais profundamente a ludicidade, para não limitá-la a jogos didáticos e educativos.

É neste contexto que a presente pesquisa servirá de base para maiores aprofundamentos na área e estudos de pedagogos e profissionais afins.

~~Referencias

BROUGERÈ, Gilles. Brinquedo e cultura. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2008

CAMBI, Franco. Tradução de Álvaro Lorencini. História da Pedagogia. São Paulo: Unesp, 1999.

HUIZINGA, J. Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 1980.

~~O termo “despedagogizar” surge no contexto de uma palestra sobre o Dia Mundial do Brincar, na qual a autora deste artigo, enfatiza a importância do uso das brincadeiras livres e não-conteudistas na Educação Infantil.